



**A MENINA QUE
SANGROU O CAPITÃO
COM A FACA DE
CORTAR CARNE SECA**

13/
60

*Carlos Zanetti
1972*

CALASANS NETO

E TEREZA BATISTA CANSADA DE GUERRA DE

JORGE AMADO

MUSEU DE ARTE DA UNIVERSIDADE DO CEARÁ
DE 23 DE NOVEMBRO A 8 DE DEZEMBRO DE 1981

Os álbuns de Calasans Neto são editados pelas Edições Macunaíma e produzidos pela Artes Gráficas e Indústria Ltda. — Av. Heitor Dias, 146 — Salvador-Bahia

UM SABOR DE LENDA

Confesso que apenas conhecia de nome — e ainda vagamente — Calasans Neto antes de receber o livro desse velho amigo Jorge Amado: "Tereza Batista Cansada de Guerra". E isto — é preciso dizê-lo — acontece todos os dias entre Portugues e Brasileiros, tão apregoados como irmãos. O conhecimento de uns pelos outros, apesar da língua e do muito que temos de comum, acontece quase sempre ao sabor do acaso. Julgo perdermos bastante com esse silêncio e desconhecimento mútuo. A confirmá-lo está o caso de Calasans Neto. Aqui fica expresso o meu obrigado a Jorge Amado.

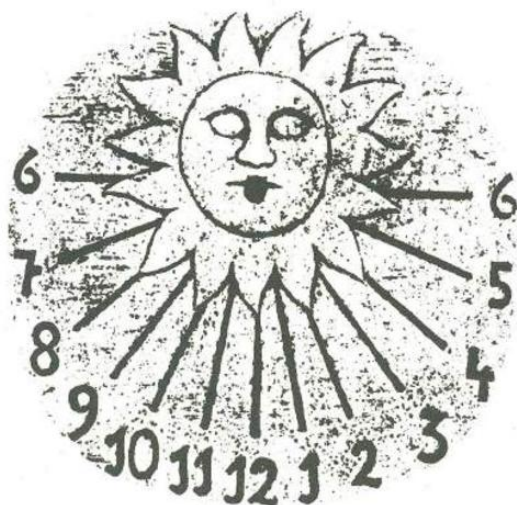
Ao admirar as xilogravuras de "Tereza Batista Cansada de Guerra", eu que sempre pensei ser contrário à ilustração de obras de ficção — cada leitor imagina, "vê", as personagens e factos, quantas vezes, até, "contra" a visão do próprio autor —, pela primeira vez me senti obrigado a mudar de idéia e a aprovar o que antes me havia sempre "incomodado". É que, subitamente, perante mim, estava uma interpretação de um texto que não me forçava a reconhecer personagens ou factos narrados, mas a encontrar, sim, um contraponto plástico que me ligava às raízes da própria história. À força telúrica dessa personagem impressionante que é Tereza Batista, à sua vida e às suas aventuras, Calasans Neto emprestara um sabor de lenda, simples e quase ingênua, vincando ainda a sua profunda humanidade, sem contudo se manter alheio a uma crítica social, por vezes acerada e dramática, que a obra lhe sugeriu. Com o seu traço vigoroso, quase brutal, conscientemente inábil, dir-se-ia que as suas gravuras são uma primitiva saga plástica encontrada algures, perdida no tempo. Mas não nos enganemos. Acontece, sim, que Calasans Neto encontrou a verdadeira forma plástica, de violentos contrastes, que melhor se podia adaptar ao comentário contrapontista da obra de Jorge Amado.

Para ele, Tereza Batista não é só a personagem criada por Jorge Amado, não é só aquela mulher que o mundo do seu tempo repeliu e lhe deu fel para a vida, mas todas as mulheres do Brasil que, como esta Tereza Batista, o mal do mundo fez sangrar. À forma popular, diríamos de contador de histórias à lareira, encontrada por Jorge Amado, correspondeu Calasans Neto com o tom exato, a medida justa, o traço definidor de uma história escrita pelo povo para o povo. Não ficou, no entanto, por aí a sua interpretação. Da crueza e aparente ingenuidade das suas xilogravuras — como se tentasse reencontrar a raiz popular da gravura — não estão nunca alheios o trabalho consciente e intencional do verdadeiro artista e a poesia que irradia a cada passo dos seus desenhos. Ele identifica-se com o povo, dignificando-o em força e em beleza. Como escreveu Glauber Rocha sobre Calasans Neto, "um artista é gente, tem carne, osso e sexo — e uma obra de arte é a soma destas coisas e da consciência que o homem tenha da sua história e da sua existência".

Nenhuma palavra pode melhor definir o significado humano da obra deste artista que esta exposição apresenta pela primeira vez em Portugal.

ROGÉRIO DE FREITAS

Lisboa 1973



A terra vermelha, o verde escuro e sumarento da vegetação, todos azuis de céu/mar. Mas quem dá cor à paisagem é o sol dourado. O sol das gravuras de Calasans Neto, artista que é, antes de mais nada, o intérprete de uma determinada área paisagística e cultural. Um artista entranhadamente ligado à natureza e à cultura de uma região, e cuja criação se encaminha ao universal através desse enraizamento.

Que região é essa, expressa nas gravuras de Calasans Neto? De modo geral, a Bahia. Com suas cabras, ele sugeriu o sertão; com os rochedos de "Taigara", a Pituba e seus arrecifes. Também tem mostrado Salvador no horizontal de seu casario. Agora, traduz o micro-universo de Itapuã, um dos vários territórios mágicos de que é composta a Mágica Cidade. Todos eles fundidos num só, mas passíveis de se decompor, como a luz ao atravessar um poliedro de cristal.

Itapuã-mar, Itapuã-céu, Itapuã-terra. No quarto álbum desta série, Calasans apresenta um outro aspecto de seu presente território de residência: Itapuã-sol. E quem conhece Salvador sabe que a explicação final para a espantosa beleza da Cidade, para além de qualquer outro elemento, está na luz. Fonte da cor, a luz que vem deste sol místico, sol às vezes quase negro, negro fogo, a sarça ardente dos pensadores religiosos. O sol das mais recentes gravuras de Calasans Neto.

Presente em todos os trabalhos do novo álbum, o sol pede uma entrega religiosa, lembra ritos antiquíssimos de morte e renascimento, verdades básicas. Como indicam os quatro elementos a que se reporta a série — água, ar, terra, fogo (sol) — já identificados pelos filósofos gregos pré-socráticos como a origem primeira das coisas.

É marítimo o sol de Calasans, sendo litorâneo o micro-universo de Itapuã. E esse mar, o Oceano Atlântico, tem do outro lado, muito próxima, a África. Cujos mitos assimilados o artista vem interpretando. E que aqui aparece, para citar só um exemplo, nesta pomba em relevo vinda diretamente do candomblé.

A constelação simbólica das gravuras de Calasans Neto inclui imagens de saveiros, ondas estilizadas, o farol, uma lagoa, troncos de coqueiros decepados — ícones de um mundo paisagístico/cultural. A tudo eventualmente presidindo uma certa atmosfera onírica e também noturna — antítese ou polo oposto a ressaltar o sol prevalecente, uma doçura de noite antecipada.

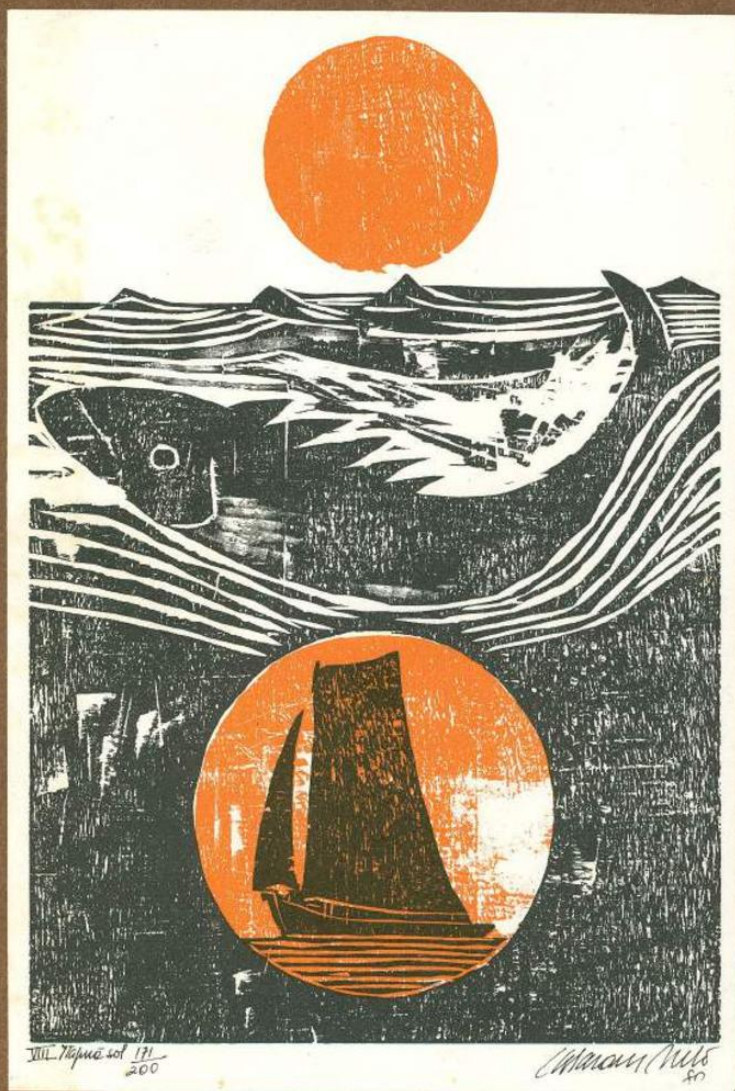
O Cenário é tão grandioso que a gente de Itapuã às vezes parece inteiramente engolfada e absorvida. É rara a figura humana apresentada diretamente nas gravuras de Calasans. Mas a própria linguagem plástica do artista o filia a esse homem local de uma tradição cultural onde ainda se mantém o fabrico à mão, objetos de uso burilados em arte.

Há nas gravuras de Calasans Neto uma marcada sugestão dessa voz popular e primitiva vinda da cultura onde o artista trabalha, uma voz tão próxima da natureza e, por isso mesmo, das coisas imortais. Como o ininterrupto quebrar das ondas de Itapuã, uma voz de eternidade. O que existe de inocência/paraíso na arte do gravador é essa voz do povo/artista/criança.

Menino Navegador, profundamente versado nas artes da Marinharia, ele vai trabalhando com mão telúrica e marinha. E, com essa bagagem, seu neo-paisagismo não quer ser apenas descrição e decoração, mas se volta para uma busca da verdade fundamental da natureza e da cultura de sua área, em seus elementos básicos.

Deslumbrado com a luz de seu sol, banhado de claridade, à beira desse Atlântico que conduziu o Português à África e ao Oriente, sim, à beira mar com os gregos antigos e os portugueses afeitos ao oceano (há uma semelhança de **pathos**), Calasans Neto exercita as artes de sua Navegação.

E lá vêm os saveiros, a paisagem é luminosa mas antecipa o luar, quem contempla essas gravuras ouve um som rouco e marítimo de búzios soprados ao entardecer — velas a todo pano, barlavento, sota-vento — enquanto o sol gigante e vermelho ilumina, ao longe, o perfil da cidade (a Cidade), antes de mergulhar nas águas.



CALASANS NETO

DEZ GRAVURAS DO ÁLBUM ITAPUÃ SOL
TEXTO DE SONIA COUTINHO

MUSEU DE ARTE DA UNIVERSIDADE DO CEARÁ
NOVEMBRO 1981